

CELEBRIDADES, MEMÓRIA E BIOGRAFIA PELO ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO: O APOCALIPSE DE BABY

Celebrities, memory and biography through the journalistic event: Baby's apocalypse

Celebridades, memoria y biografía a través del acontecimiento periodístico: el apocalipsis de Baby

Denise Figueiredo Barros do Prado¹

Frederico de Mello Brandão Tavares²

DOI: 10.31501/esf.v3i31.15313

Resumo: Problematisa-se a emergência de narrativas jornalísticas acerca da trajetória de Baby do Brasil, tendo como objeto o diálogo da artista com Ivete Sangalo, no carnaval de Salvador em 2024, que viralizou nas redes sociais. Foram analisadas 30 publicações em sites de mídia corporativa brasileira, entre 11 e 17 de fevereiro de 2024. Ao final, reflete-se sobre como um acontecimento público e midiático tensiona a constituição da memória biográfica de celebridades, valorando questões contemporâneas.

Palavras-chave: Acontecimento. Celebridades. Biografia. Baby do Brasil. Apocalipse.

Abstract: The emergence of journalistic narratives about Baby do Brasil's trajectory is problematized, taking as its object the artist's dialogue with Ivete Sangalo, at the Salvador Carnival in 2024, which went viral on social networks. We analyzed 30 publications on Brazilian corporate media websites between February 11 and 17, 2024. In the end, we reflect on how a public and media event strains the constitution of the biographical memory of celebrities, highlighting contemporary issues.

Keywords: Happening. Celebrities. Biography. Baby do Brasil. Apocalypse.

Resumen: Se problematiza la emergencia de narrativas periodísticas sobre la trayectoria de Baby do Brasil, tomando como objeto el diálogo de la artista con Ivete Sangalo en el carnaval de Salvador de 2024, que se hizo viral en las redes sociales. Se analizaron 30 publicaciones en sitios web de medios corporativos brasileños entre el 11 y el 17 de febrero de 2024. Al final, reflexionamos sobre cómo un acontecimiento público y mediático tensa la constitución de la memoria biográfica de las celebridades, poniendo de relieve cuestiones contemporáneas.

Palabras clave: Acontecimiento. Celebridad. Biografía. Baby do Brasil. Apocalipsis.

¹ Doutora em Comunicação Social; Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana – MG, Brasil. denise.prado@ufop.edu.br | <https://orcid.org/0000-0002-0547-9896>.

² Doutor em Ciências da Comunicação; Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana – MG, Brasil. frederico.tavares@ufop.edu.br | <https://orcid.org/0000-0001-6410-4739>.

Introdução

No dia 11 de fevereiro de 2024, sábado de carnaval, quando o trio elétrico da cantora Ivete Sangalo, Bloco do Coruja, passava no circuito Barra-Ondina, em Salvador (BA), algo inusitado se passou. Enquanto Ivete Sangalo e seu trio desciam a avenida, a artista avistou a cantora Baby do Brasil, no camarote da *Band*, canal de televisão que realizava a transmissão ao vivo do evento. Num gesto costumeiro entre as celebridades, Ivete saúda Baby, nome histórico do carnaval soteropolitano – primeira mulher a subir em um trio elétrico na Bahia, ainda nos anos 1970, época em que integrava o grupo “Novos Baianos”. Com microfone em punho, Baby do Brasil agradece o cumprimento de Ivete e, rapidamente, faz um discurso cada vez menos voltado para Ivete, pendendo seu corpo, gestos e olhos para o público presente, que se avoluma abaixo do camarote. Baby declara que o “apocalipse” estaria porvir. Em tom festivo – ainda que aterrador – convida a todos à “conversão” e faz da festa carnavalesca uma cena de proselitismo religioso. Ivete Sangalo, desconcertada, retoma a fala e afirma que não permitirá que o chamado apocalipse aconteça, pois vai “macetá-lo”, em referência ao seu *hit* daquele ano, o “Macetando” (2023), lançado em parceria com a cantora Ludmilla. Ivete começa a cantar, retoma o protagonismo da cena e segue com a festa, agitando o bloco. O diálogo se passa da seguinte maneira:

Baby: ...eu te amo e eu queria te pedir uma coisa.

Ivete: você não pode, você manda!

Baby: à você e a todo mundo. Todos atentos porque nós entramos no apocalipse. O arrebatamento tem tudo para acontecer entre cinco e dez anos. Procurem [*Ivete tenta interrompê-la e Baby eleva o tom de voz*] o Senhor enquanto é possível achá-lo!

Obrigado, galera!

Ivete [*apontando o dedo para Baby*]: eu não vou deixar acontecer, porque não tem apocalipse certo quando a gente maceta o acopalipse [sic]!

Baby: Bora! Canta “Minha Pequena Eva”³ para mim agora.

Ivete: Eu vou cantar “Macetando” porque Deus tá mandando macetar! É o Macetando, Jesus. E Ele não permitirá porque a força de Deus é maior do que qualquer mandamento, do que qualquer energia, porque ele é a maior energia de todas!

Baby: Glória a Deus, Aleluia!

Ivete [*interrompendo Baby*]: “Tão invadindo a cidade/ elas não são brincadeira” [*inicia a música “Macetando”*]. É o trio! Canta povo! Não tem apocalipse certo, Baby! “Macetando, macetando”!

Além da transmissão ao vivo, promovida pelo canal *Band*, a cobertura noticiosa do carnaval repercutiu intensamente o caso, dando vazão tanto a uma transcrição das falas das artistas e divulgação de fragmentos em vídeo da cena, quanto a uma contextualização da ocorrência, marcada ainda pelas postagens do público nas redes sociais digitais. Entre escusas e explicações de Baby do Brasil à Ivete, entremeadas por reafirmações de que o “apocalipse”, de fato, estaria próximo, vão surgindo relatos midiáticos explicando a história de “conversão” de Baby ao neopentecostalismo, ainda nos anos 1990, até sua atuação atual, como pastora. A cobertura midiática do ocorrido se desenrola por mais alguns dias após o carnaval, até que esmorece e o cenário noticioso passa a ser irrigado por ocorrências de outra ordem.

A ambiência configurada a partir do episódio envolvendo Ivete e Baby, para além de lógicas jornalísticas que estabelecem a relevância, a presença e a duração de uma cobertura midiática, aponta para como certos acontecimentos e sua circulação contemporânea atualizam e pautam a elaboração

³ A música à que Baby faz referência é “Eva”, sucesso dos anos 1990, da época em que Ivete Sangalo era vocalista do conjunto baiano “Banda Eva”. A música, da década de 1980, composta por Umberto Tozzi e Giancarlo Bigazzi, possui um tom catastrófico, narrando o fim do mundo pela perspectiva de um casal apaixonado que se prepara para o fim do planeta. A versão nacional é uma tradução da versão italiana, lançada por Umberto Tozzi em 1982.

pública das trajetórias de celebridades. Neste caso, uma imagem de Baby do Brasil é construída a partir do estabelecimento de temporalidades específicas, cujo gesto constituidor engloba, via jornalismo e ambiências digitais, periodizações, marcos e destaques a fim de produzir coerências entre ações presentes e vivências pretéritas (articuladas midiaticamente) para uma figura célebre. A construção da imagem pública de Baby deve ser compreendida levando-se em conta que “as celebridades ostentam aquilo que uma determinada sociedade, num determinado momento, valoriza. (...) [as celebridades são conhecidas] muito mais em razão de estarem em sintonia com o quadro de valores e o centro de poder de uma comunidade ou grupo social” (França, 2014, p. 25). Somado a isso, a construção da imagem pública das celebridades, ainda que permeada por contradições, reúne valores associados a um momento social particular, que passam a ser percebidos e articulados na elaboração da trajetória pessoal e profissional dos célebres de maneira indissociada (Simões, 2012).

Observar um conjunto dispersivo de textos jornalísticos referentes a um caso social particular permite acessar a uma certa “interpretação da doxa” (Thompson, 1998), ou seja, “uma interpretação das opiniões, crenças e compreensões que são sustentadas e partilhadas pelas pessoas que constituem o mundo social” (Thompson, 1998, p. 364). Neste episódio, mais do que tomar tais percepções como emergência particular do cotidiano, vemos que elas estão alinhadas a processos de construção midiática e circulação noticiosa (Braga, 2012).

Diante disso, o artigo pergunta como uma narrativa biográfica é construída e tensionada – no decorrer do fluxo efêmero de uma cobertura midiática –, a fim de organizar os sentidos associados à ocorrência e às ações dos/as envolvidos/as. Para isso, valemo-nos da matriz analítica do acontecimento midiático (Quéré, 2005; França & Lopes, 2017; Simões, 2012), problematizando como a narrativa jornalística, entremeada pelas narrativas biográficas elaboradas, produz consonâncias e

normaliza ações dos/as célebres, retroalimentando-se. Observamos, dentro de um conjunto de notícias específico, como um certo fluxo jornalístico, na reunião de textos de vários veículos, constroi um compósito de tempos, reordenando e entrecruzando campos sociais problemáticos, contextos e trajetórias de vida.

Para a construção do *corpus* desta pesquisa, fizemos uma busca ativa de notícias publicadas em portais noticiosos brasileiros, pela plataforma *Google Notícias*, com os termos “carnaval” e “Baby do Brasil”, durante o mês de fevereiro de 2024, com a intenção de captar o fluxo noticioso da cobertura midiática sobre este caso. Após esta busca preliminar, foi notada a maior concentração de notícias referentes ao caso entre 11 e 17 de fevereiro de 2024, sendo este o recorte temporal adotado. Neste período, foram localizadas 51 notícias, dentre as quais foram selecionadas 30 publicações de sites de mídia corporativa/noticiosa, excluindo-se notícias envolvendo outros atores (como aqueles que tratam, centralmente, da filha de Baby do Brasil), opinativas e de cobertura local. Mais do que esgotar o volume de material produzido à época, o recorte busca mapear o fluxo de sentidos – próprio das lógicas de coberturas jornalísticas contemporâneas no ecossistema midiático (Buhl et al., 2016) – e contemplar a repercussão e configuração do caso emergente nas publicações jornalísticas nacionais⁴.

A análise se debruçou sobre os aspectos discursivos das notícias selecionadas, privilegiando uma análise textual, observando a produção de certa inteligibilidade, via discurso jornalístico, para o caso enfocado (Charaudeau, 2009). A análise foi sistematizada em dois eixos, compreendendo que os processos de construção jornalística seriam um eixo transversal a ambos: (1) *organização temporal*, centrado na articulação do caso, bem como alinhado às lógicas de continuidade e ruptura

⁴ Para a análise, construímos uma tabela com as matérias pela ordem de aparição (data e hora) e a partir de suas titulações. Em síntese são: 7 matérias no dia 11/02, 8 matérias no dia 12/02, 2 matérias no dia 13/02, 10 matérias no dia 16/02 e 3 matérias no dia 17/02. Das 30 matérias, 26 colocam Baby como sujeito central das manchetes.

estabelecidos pelo relato jornalístico; (2) *organização biográfica*, na qual se percebe como é elaborada uma trajetória biográfica pública para Baby do Brasil, com o intuito de produzir coerências em torno de suas atitudes no decorrer do caso.

A partir da análise, discutimos de que maneira a emergência de eventos como este, com grande repercussão midiática, é capaz de (des)organizar e atualizar a constituição da memória biográfica referente a figuras públicas. Entende-se que essa produção de sentido, dado o seu caráter narrativo, além de atualizar a elaboração da trajetória pública dos célebres, pode ser vista como relevante para se perceber questões contemporâneas que ultrapassam a vida das celebridades, condicionando-a e, ao mesmo tempo, ganhando certas singularidades.

Reconstrução da cobertura midiática do caso e sistematização do material coletado

O episódio entre Baby do Brasil e Ivete Sangalo ocorreu na madrugada de domingo, dia 11 de fevereiro de 2024, durante as festividades do carnaval. Ainda nessa madrugada, surgem matérias em sites de notícias relatando o ocorrido. A primeira notícia é publicada às 2h42, pelo site “Notícias da TV”, do portal *UOL*. Em “Baby do Brasil leva corte de Ivete Sangalo após pregação no Carnaval: ‘Apocalipse’”, a ênfase recai sobre a repercussão nas redes sociais digitais, com destaque às postagens que satirizam a fala de Baby e celebram a reação de Ivete: “‘Gente, o que aconteceu com a Baby do Brasil? Meu Deus, religião acaba com a gente’, opinou Gustavo. ‘Do nada a Baby do Brasil começou a falar de apocalipse. A cara da Ivete foi a melhor’, escreveu o internauta Hugo” (“Notícias da TV”/*UOL*, 11/02/2024).

Neste mesmo dia, houve mais seis publicações (*Band* (2), *UOL*, *O Globo*, *Terra*, *Folha de S. Paulo*). A cobertura jornalística dedicou-se a apresentar o diálogo entre Baby do Brasil e Ivete Sangalo no trio elétrico e a contextualizar a fala de Baby, relatando sua conversão nos anos 1990. Nesta etapa,

além de se manter um tom de atualidade (aproximando-se de uma narração “ao vivo”), é recorrente a inserção de vídeos do caso.

Uma matéria da *Band* (“Baby começou a falar em Apocalipse após covid e morte de Moraes Moreira”) afirma que as falas de Baby se referindo ao apocalipse teriam se tornado mais recorrentes desde a pandemia de Covid-19 e teriam se intensificado após o falecimento de Moraes Moreira, em decorrência da doença, em 2020. Tais momentos são recortados de entrevistas para outras mídias, em momentos anteriores, como no podcast *Papagaio Falante* (2022) e uma entrevista na revista *Quem. O Globo* (“Baby do Brasil viu demônio quando criança e entrou na ‘barriga de Deus’; entenda a conversão da cantora”) e *Folha de S. Paulo* (“Embate de Ivete e Baby do Brasil no Carnaval agita redes: ‘Palhaçada de crente’”) são os veículos que fazem uma apresentação mais detalhada da trajetória da artista, resgatam materiais das mídias supracitadas e dão foco a sua vinculação religiosa.

À diferença da matéria de *O Globo*, na *Folha*, desde a abertura da matéria, confere-se um tom mais humorístico (e, por vezes, irônico) e destaca-se que não houve uma briga de fato entre as artistas; e dá mais espaço às críticas feitas nas redes sociais, em particular àquelas que apontam o fanatismo religioso infiltrando-se no carnaval: “Se você partiu da Terra na última astronave, é provável que não esteja por dentro de uma das situações mais inusitadas ocorridas neste Carnaval de Salvador – mas, se você ainda não voou para além do infinito, deve saber que, na madrugada deste domingo, as cantoras Ivete Sangalo, de 51 anos, e Baby do Brasil, de 71, debateram o apocalipse em plena micareta” (*Folha S. Paulo*, 11/02/2024).

No dia 12, segunda-feira de carnaval, com 8 notícias publicadas em diferentes veículos (*GHZ*, *Terra*, *CNN*, “Na Telinha”/*UOL*, *Uai*, *O Tempo*, *Istoé*, “Notícias da TV”/*UOL*), a ênfase recai na repercussão nas redes sociais digitais e em um vídeo postado por Baby no seu perfil oficial do

Instagram, no qual reafirma a amizade com Ivete e prossegue anunciando o apocalipse. Neste momento, além das postagens recuperarem *prints* de comentários do público, como faz o *GHZ* (“‘Macetar o apocalipse’: diálogo entre Baby do Brasil e Ivete Sangalo no Carnaval viraliza nas redes sociais”), aparecem matérias como a do *Terra* (“Baby do Brasil: quem é a cantora que anunciou o apocalipse?”), que procuram explicar quem é Baby do Brasil e focam mais na sua conversão e atuação religiosa. As demais matérias do dia também privilegiam a apresentação do caso e da postagem feita por Baby no seu perfil pessoal no *Instagram*, como o site da *Istoé*: “Nesta segunda-feira, 12, Baby do Brasil voltou a falar sobre apocalipse e arrebatamento. ‘Eu ouvi no meu ouvido direito o Pai falar: ‘fala, fala tudo’. E o que eu podia fazer? Eu sou da matrix, sou rockstora, pastora, e minha boca falou do apocalipse e do arrebatamento’, explicou. ‘O mundo está louco, o apocalipse que tem que acontecer, não tem jeito, é o único jeito de Deus interferir porque os anjos caídos estão aqui’, afirma”. Esse discurso, proferido no perfil da artista, passa a ser incorporado no espaço jornalístico tanto pela transcrição de fragmentos no corpo da matéria, quanto pela inserção do link do seu perfil.

No dia 13, há somente duas postagens, na revista *Veja* e no jornal *Correio Braziliense*, com ênfase na recuperação do caso, na conversão de Baby e na afirmação da amizade com Ivete. Nesta etapa, no *Correio Braziliense* (“Baby do Brasil fundou igreja e se autodenomina como ‘popstora’”), surgem traços de uma visada crítica que ganhou visibilidade na plataforma X, feita pelo cientista político Josimar Silva, de que a atitude de Baby seria uma ação estratégica, denominada “Teologia do Domínio”, em que grupos evangélicos, intencionalmente, buscariam infiltrar o discurso gospel em vários espaços sociais. Posteriormente, o caso esmorece, não alcançando ocorrências entre 14 e 15 de fevereiro.

No dia 16, são repercutidas novas falas de Baby, extraídas de uma entrevista realizada no dia 14, ao perfil de notícias *UrbNews*⁵, na qual ela comenta sobre o incidente com Ivete (classificando-o como “criancice”, “um pouco irresponsável”) e conta mais detalhes sobre sua conversão, dizendo que ela e a filha teriam sido abduzidas. O tema da abdução ganha atenção midiática, fazendo com que tanto as falas de Baby desqualificando sua intervenção no carnaval quanto o tema da conversão sejam retomados, alcançando 10 publicações noticiosas, o maior número de publicações no ciclo do evento, abrangendo, inclusive, novos veículos (*Estadão*, revista *Rolling Stone*, *Jornal de Brasília*, *Terra*, *Metrópoles*, *UOL* (2), *Correio Braziliense*, “Hugo Gloss”/*UOL*, *Extra*). As notícias publicadas neste momento vão, majoritariamente, transcrever fragmentos das falas concedidas ao *UrbNews*, entremeado a um percurso histórico de relatos de sua conversão em outras entrevistas e notícias (como no *Papagaio Falante* e na revista *Quem*, que são resgatados novamente). O portal *Terra* inicia sua matéria já com tom irônico e explica: “Após causar polêmica com Ivete Sangalo no carnaval, ao alertar para um ‘apocalipse iminente’, Baby do Brasil decidiu revelar que já passou por uma experiência de abdução por alienígenas” (*Terra*, 16/02/2024). As manchetes concentram-se na questão da “abdução”, na sua interpretação de que sua fala teria sido “irresponsável” e apontam certa excentricidade de Baby. Apesar disso, a tônica das notícias mantém destaque ao papel religioso que ela desempenha, como fundadora de uma igreja, “popstora” e resgata suas falas proféticas.

No dia 17, surgem somente mais 3 publicações noticiosas (*Istoé*, *O Tempo*, *CNN*) que abordam o tema do dia anterior e dão destaque à interpretação do diálogo com Ivete como “criancice”. Após esta data, não há mais publicações centradas no caso.

⁵ O perfil *UrbNews*, criado em 2022 no *Instagram*, apresenta-se como um site de notícias e mídias, focado em “Jornalismo e Entretenimento”. Seu alcance é limitado, considerando-se que possui 16 mil seguidores no *Instagram*; 1,7 mil inscritos no seu canal no *YouTube* e 7,7 mil seguidores no *TikTok*. O perfil noticioso integra o portal www.urbnews.com.br, cuja sede é em Fortaleza (CE).

A conversão e o envolvimento religioso de Baby do Brasil são temas predominantes na cobertura jornalística e Baby é tratada como fonte preferencial para a construção noticiosa. Como apresentaremos adiante, essa preferência se manifesta pelo fato dela ser tratada como agente central do decurso dos acontecimentos – como se evidencia nas titulações das matérias–, bem como pelo papel proeminente dado às suas falas no fio narrativo das notícias.

Organização temporal: produção de passado-presente no relato midiático do acontecimento

Conforme Antunes (2008), parte do processo jornalístico de narrar o acontecimento envolve o estabelecimento de uma organização temporal, na qual se articulam dimensões de passado, presente e futuro, condensando um triplo presente. Os esforços jornalísticos de narrativização estabelecem relações temporais entre os eventos do presente, como forma de assegurar uma interpretação para as ocorrências e uma continuidade que justifique a sua emergência. O trabalho de elaboração narrativa, que promove uma coerência entre as ações dos atores envolvidos, revela, mais do que causas que definam ou expliquem o presente, o enfoque atribuído ao curso das ações.

Refletida no todo de uma cobertura, essa dimensão narrativa ganha volume e se faz marcada por uma outra dimensão temporal, que diz respeito ao próprio fluxo noticioso. Tal fluxo engendra um conjunto de informações que ora estrutura repetições de conteúdo e perspectivas, ora cria singularidades para o caso. Nesse jogo de sentidos, a dimensão temporal tanto dá a ver um certo “funcionamento” jornalístico a partir do acontecimento, quanto faz entrecruzar temporalidades noticiosas (caracterizadas pela repercussão cronológica) com temporalidades sociais, religiosas, históricas e biográficas. A cobertura do caso analisado se organiza por três eixos que, embora

diferentes, não se separam no decurso das matérias, entrelaçando-se na construção da narrativa midiática do acontecimento: (1) *apresentação e contextualização* do caso, quando se resgatam as cenas ocorridas no carnaval, transcrevem-se as falas e situa-se quem é Baby do Brasil e sua história de conversão; (2) a *reverberação*, quando se tenta rastrear as impressões do público sobre o caso; (3) os *desdobramentos*, ao se evidenciar falas posteriores de Baby, relacionadas ao incidente.

Na *apresentação e contextualização*, o foco está no conflito, na situação emergente no carnaval. Para percebê-la, é necessário apresentar o curso das ações tomadas no ato e promover uma leitura a partir da qual a situação ganha sentido. Essa é a abordagem predominante das primeiras matérias publicadas, em especial nos dias 11 e 12 de fevereiro, quando se relata o ocorrido por meio de múltiplos recursos, como narração, inserção de fragmentos de vídeo e transcrição das falas. Na contextualização, envolve-se a elaboração de um “todo” ou um “campo” a partir do qual as ações das artistas ganham sentido. Conforme explica Quéré:

Em certo sentido, o contexto é o todo ou o campo em termos do qual uma ação, um gesto, uma palavra, um evento ou um objeto adquire inteligibilidade, significado e individualidade... Como a situação, o contexto pode ser dinâmico: assim, em um curso de ação, cada sequência renova o contexto das sequências subsequentes⁶ (Quéré, 1997, p. 184, tradução nossa).

Essa perspectiva denota que o contexto não está pronto, mas resulta de operações de seleção que incidem e direcionam tanto a produção de uma coerência, quanto as interpretações para a situação ocorrida. No caso em tela, essa produção dinâmica do contexto envolve a articulação de um passado

⁶ No original : “En un sens, le contexte est le tout ou le camp en fonction duquel une action, un geste, une parole, un événement ou un objet acquièrent une intelligibilité, un sens, une individualité. ... Comme la situation, le contexte peut être dynamique : ainsi, dans un cours d’action, chaque enchaînement renouvelle le contexte des enchaînements suivants”.

para as ações de Baby, articuladas duplamente: a um passado “recente” ou “próximo” e a um “passado biográfico” (“histórico”) para justificar suas ações.

O passado recente aparece pela recuperação de falas anteriores de tom “profético” em entrevistas (assumindo os textos midiáticos como textos memorialísticos) e em situações já destacadas na mídia, como após a morte de Moraes Moreira, durante a pandemia de Covid-19. Já o passado biográfico ou histórico se revela pelo alinhamento de certa marcação temporal, cuja pontuação do início do encadeamento vai se movendo, destacando-se de sua experiência como cantora do grupo “Novos Baianos”, para se afirmar pela sua história de conversão ao neopentecostalismo nos anos 1990, tal como é feito desde a primeira notícia.

N’O *Globo*, na notícia “Baby do Brasil viu demônio quando criança e entrou na ‘barriga de Deus’; entenda a conversão da cantora”, o ponto de partida para a construção biográfica da artista é sua conversão, como fica explícito desde a linha fina da matéria, com os dizeres “Artista, que viralizou domingo com declaração sobre apocalipse, virou evangélica há 25 anos: ‘Tudo era nave, tudo dançou, porque eu conheci o Cara’”. Mais adiante, a matéria naturaliza as falas de Baby, colocando-a em perspectiva a partir de ocasiões anteriores e de sua atuação como pastora convertida: “Ainda que a fala tenha surpreendido muitas pessoas, a devoção de Baby é conhecida. Na entrevista de 2022, ela chegou a tremer enquanto falava de seu arrebatamento em 1999” (*O Globo*, 11/02/2024).

A *reverberação* é um eixo importante para a apreensão social dos acontecimentos, pois, conforme França e Lopes (2017, p. 79), “ao gerar afetação em indivíduos e coletividades, por conseguinte, o acontecimento também faz emergir sentidos na busca de defini-lo, apreendê-lo, narrá-lo e compreendê-lo”. Essa afetação incide nas falas publicadas on-line por indivíduos e grupos sobre o conflito de Baby com Ivete, bem como nas configurações que o relato jornalístico elabora para organizar

os sentidos do acontecimento. A reverberação aparece como uma dupla face do discurso noticioso: pela incorporação das percepções do público sobre o caso e pelos sentidos emergentes associados a ele. A incorporação das falas dispersas do público nas redes sociais digitais ainda cumpre, indiretamente, um terceiro papel: reafirma a relevância da cobertura midiática do caso – ela pauta o “burburinho” associado ao acontecimento e cumpre, via cobertura jornalística, a manutenção de atenção ao caso.

A observação do material evidencia ainda que as falas mais críticas com relação à ocorrência aparecem pela incorporação de postagens em redes sociais, enquadrando-as como uma fala opinativa advinda do “público”. Tal atitude se revela na notícia publicada no site da *Folha de S. Paulo*: “‘Para você ver o que o fanatismo imbecil cristão provoca na pessoa: em vez de ser um encontro mágico musical, Baby optou por fazer esse papel patético, ridículo e constrangedor’, opinou outro usuário. Há uma percepção geral de que é anticlimático o fato de Baby tentar pregar em meio à festa num trio elétrico” (*Folha de S. Paulo*, 11/02/2024). Com um tom diferente do adotado pela *Folha*, os sites “Na Telinha”/UOL (12/02/2024), *Istoé* (12/02/2024) e “Hugo Gloss”/UOL (16/02/2024) relatam o caso, contextualizam a conversão da Baby e relegam certo tom crítico ao fim do texto, com a inserção de um post da rede social digital X, produzida pelo perfil “Acesso Sangalo”. A postagem incorporada nas notícias publicadas diz: “‘NÃO TEM APOCALIPSE QUE RESISTA AO MACETANDO’ Morrendo com esse diálogo de Ivete Sangalo e Baby ahahahaha” e insere um fragmento do vídeo do conflito transmitido pela *Band*. A forma como esses sites noticiosos mobilizam falas postadas nas redes sociais digitais sinaliza que, por vezes, o relato noticioso pretende se oferecer como mais “descritivo”, relegando um olhar mais crítico (ou humorístico) a esse dizer que se oferece como coletivo.

Nos *desdobramentos*, tenta-se conferir uma “sobrevida” midiática do fato, ao se dar destaque às falas posteriores de Baby; seja no seu perfil do *Instagram*, no qual diz manter a amizade com Ivete Sangalo e reafirma iminência do “apocalipse”, seja na entrevista dada ao site *UrbNews*, repercutida em outros veículos, com viés revisionista. A fala divulgada no perfil de Baby no *Instagram*, no dia 12, é incorporada ao relato noticioso sob a forma de transcrição e pela inserção do link da página da artista, como faz a *CNN*: “Diante da repercussão do diálogo, Baby se pronunciou para negar boatos de que estaria brigada com Ivete. ‘Queria deixar uma mensagem para todos por tudo que aconteceu quando viralizou o que eu disse. Em breve postarei o vídeo da Ivete me honrando, pra vocês saberem, que não tivemos nenhuma briga’ ... Baby, que também é pastora, aproveitou o momento para reforçar a ideia de que um apocalipse pode acontecer. No vídeo publicado por ela, afirma: ‘O mundo está louco, o apocalipse tem que acontecer, não tem jeito, é o único jeito de Deus interferir’” (*CNN*, 12/02/2024).

Já na entrevista ao site *UrbNews*, realizada no dia 14, Baby comenta que, *a posteriori*, vê sua fala como dotada de certa “irresponsabilidade” e “criancice” e reconta a sua conversão, afirmando que ela e sua filha teriam sido abduzidas. Esta última fala, apesar de gerar um ponto de inflexão em termos de volume de postagens, não prolonga a duração da cobertura midiática. A tônica construída para tratar a fala de Baby se mantém, alimentando certa naturalização de suas falas “proféticas” por meio da reafirmação sua atuação como pastora, expandindo a atenção conferida ao relato da sua conversão – devido, em grande medida, à ênfase conferida à suposta “abdução” (como faz o *Estadão*, em 16/02/2024, por exemplo).

Em contrapartida, há matérias que dão mais espaço a uma crítica à fala de Baby, em especial associando as ideias de “irresponsabilidade” e “criancice” e ao relato de “abdução”. Essa abordagem aparece, por exemplo, no site *Terra*, que inicia a matéria com a frase “Após causar polêmica com Ivete

Sangalo no carnaval, ao alertar para um ‘apocalipse iminente’, Baby do Brasil decidiu revelar que já passou por uma experiência de abdução por alienígenas” e relata o caso a partir de uma sequência de intertítulos irônicos: “Passeio com ET”, “Mas não era Deus?”, “E o Apocalipse now?” e “Popstora de carnaval” (*Terra*, 16/02/2024).

A partir do entrelaçamento da *apresentação e contextualização*, *reverberação e desdobramentos*, a cobertura jornalística promove um curso temporal cadenciado de organização narrativa: para além do embate entre Baby e Ivete, no carnaval, o foco é na sua repercussão e nos desdobramentos nas redes sociais digitais, em particular das postagens posteriores de Baby. Após o incidente, são as ações da artista que vão desencadear os rumos do relato midiático. A conversão de Baby se torna um eixo narrativo edificante no conjunto das notícias, pois é em torno dela que são organizadas suas falas e ações. O relato da conversão aparece, em alguns momentos, atravessado por casos curiosos surpreendentes (como na *Folha de S. Paulo* e n’*O Globo*), mas é somente a partir da fala de Baby sobre a abdução que certo tom de excentricidade aparece com mais intensidade, numa abordagem crítica às falas da artista.

Organização biográfica: narrativa jornalística e atualizações de um passado

Se é a ocorrência do caso e a sua reverberação nas redes sociais digitais que fazem com que o assunto ganhe cobertura midiática no carnaval, o seu desenrolar e permanência ao longo da semana se dão também alimentados pelas lógicas de continuidade estabelecidas pelo relato jornalístico e sua materialização no conjunto de uma cobertura. Tais continuidades vão se evidenciar por meio de duas estratégias preferenciais: *a busca por uma matriz interpretativa*, que se dá pelos esforços de contextualização e memória; e *a prática do “suíte”*, pela qual, além de ser instigado pela reverberação

do caso entre o público nas redes sociais (que opera como uma “justificativa” do porquê tal caso se tornou noticiável), é realizado um acompanhamento das falas de Baby posteriores ao conflito com Ivete no carnaval.

A busca por uma matriz interpretativa para compreender o discurso de Baby no carnaval se evidencia pela produção de um “passado coerente” e de um contexto articulado para a ocorrência. Esse passado coerente, capaz de justificar e orientar a interpretação da fala de Baby, diz respeito a uma escolha narrativa acerca da trajetória da artista, tendo a sua conversão como um “a partir de”, cujo marco temporal instaura sentidos “necessários” para a cobertura. O resgate da sua conversão nos anos 1990 é feito de duas maneiras: pela recuperação de suas falas atuais sobre sua conversão (no vídeo postado no *Instagram* e na entrevista ao site *UrbNews*) e pelos relatos anteriores a sua experiência religiosa na mídia.

A sua conversão ao neopentecostalismo é tratada como um marco não somente na sua vida pessoal, mas como um elemento biográfico definidor de sua atuação pública no presente, como ponto de inflexão e aglutinador de sentidos. Isso permite a sua apresentação como, principalmente, pastora (ou “popstora”) – reverberando, não se pode deixar de dizer, uma espécie de ação religiosa vinculada a um contexto contemporâneo nacional de expansão do neopentecostalismo. Exemplo disso é a matéria da *Band*, “Após profecia do Apocalipse, entenda por que Baby do Brasil virou evangélica” (11/02/24), que cita uma pregação realizada por ela na “Igreja Bola de Neve”, em São Paulo (SP), reforçando sua vinculação religiosa.

Como forma de detalhar sua conversão, são incluídos fragmentos transcritos de falas que ganham grande destaque no corpo dos textos das matérias publicadas à época da conversão religiosa. As notícias incorporam transcrições parciais e integrais do vídeo, bem como inserem o link do seu perfil

no corpo do texto, o que é notado nas matérias da *CNN*, “Na Telinha”/*UOL*, *Uai*, *O Tempo* e *Veja*. Essa atitude, além de reforçar uma predominância da fala de Baby na construção do relato, reafirma a autenticidade e validade da fonte de informação adotada pelo veículo. A recuperação de relatos biográficos produzidos na mídia pode ser interpretada à luz da perspectiva de Abreu (2022), para quem a vida cotidiana das celebridades, nos seus aspectos mais corriqueiros ou pessoais, vem ganhando cada vez mais proeminência, pois “na pretensa objetividade jornalística, esconde uma estratégia narrativa que é, em simultâneo, parte importante da subjetivação contemporânea” (Abreu, 2022, p. 369). A mídia, aliás, como reflete Leonor Arfuch (2010), tem lidado cada vez mais com relatos de experiências de vida, permitindo a constituição de “espaços biográficos” que tematizam questões da sociedade contemporânea e interferem na elaboração de subjetividades.

A contextualização das falas de Baby é feita também a partir da construção de uma historicidade prática para seu posicionamento público, resgatando tanto frases similarmente polêmicas num contexto recente (como faz a matéria “Baby começou a falar em Apocalipse após covid e morte de Moraes Moreira”, publicada pelo site da *Band* (11/02/2024), na qual se evidencia o seu discurso antivacina), quanto as situa como parte de um posicionamento já recorrente da artista por meio da recuperação de materiais jornalísticos publicados em outras ocasiões. Os materiais mais recuperados pelas notícias analisadas são as entrevistas à revista *Quem*⁷ (01/02/2013), ao podcast *Papagaio Falante*⁸ (22/12/22), ao programa “Amaury Jr.”⁹ (*Rede TV*, 22/02/2021) e ao programa “Espelho” (*Canal Brasil*,

⁷ Entrevista concedida à revista *Quem*: “Baby do Brasil: ‘É overdose de felicidade. In name of Jesus!’”, edição 647, 01/02/2013. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2013/02/baby-do-brasil-e-overdose-de-felicidade-name-jesus-edicao-647-01022013.html>

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXrzTh2FAFg>

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uziBQbf4UU4>

04/12/2018)¹⁰, com particular destaque às suas falas referentes à conversão religiosa e sua atuação como pastora.

Caso exemplar dessa forma de resgate é a publicação do site *Agora/Terra*, “Baby do Brasil: quem é a cantora que anunciou o apocalipse?” (12/02/2024), que parte do pressuposto de que ela não seria conhecida por todo o público e a apresenta, principalmente, pela atuação religiosa. Sua atuação na música popular brasileira se limita à um parágrafo sintético, de três linhas (em um texto que totaliza 35 linhas, além de um post do *Instagram* e um vídeo de uma entrevista, produzidos pelo perfil noticioso “Perfil Brasil”), hierarquizando uma cronologia na trajetória da artista¹¹.

A utilização – e remodelação de sentidos – de entrevistas e falas anteriores, em associação às postagens da artista no *Instagram* e à recente entrevista ao site *UrbNews*, evidencia um padrão do processo de seleção de informações para compor o relato noticioso. O modo de incorporação das falas de Baby revela uma centralidade discursiva constituída para ela enquanto “falante” preferencial no universo do discurso noticioso e a ideia de “uma só” Baby, cuja identidade pode ser sintetizada e serve de sentido para a interpretação do acontecimento no carnaval, envolvendo-a. De certa forma, é como se o gesto biográfico que atende à noticiabilidade do acontecimento também acionasse algo de “autobiográfico” a partir de Baby, reivindicando, por meio de sua centralidade, uma marcação temporal – e sua respectiva valoração – em sua trajetória.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5DU9IudVq0s&t=6s>

¹¹ A construção das biografias das celebridades é ordenada e reordenada por meio do esforço narrativo do relato midiático, promovendo coerências em torno de sua imagem pública. Conforme explicam Rondelli e Herschmann (2000, p. 203), “Não só as narrativas biográficas são reatualizadas, agenciadas por diferentes gerações – alimentando um mercado em expansão neste século, como produzem a sensação de ordenamento, de coerência e da possibilidade de apreensão da totalidade de uma trajetória de vida... A construção biográfica ganha, portanto, uma dimensão fundamental no mundo contemporâneo. Principalmente, porque sua articulação com diferentes mídias torna-a crucial para a atribuição de sentido e significado à “realidade” num mundo marcado pela dispersão, efemeridade e pluralidade.”

Assim, a autenticidade da fala de Baby se afirma duplamente: pela centralidade conquistada no discurso jornalístico e pela coerência construída em torno de si mesma, pela hierarquização cronológica de suas vivências, projetando uma imagem recorrente associada ao protagonismo de sua atual vinculação religiosa. Conforme explica Sibilia,

Em uma cultura que insta a viver sob a lógica da visibilidade e que acicata nos sujeitos uma busca tão ansiosa pela espetacularização de si, alimentada pelo desejo de obter celebridade a qualquer custo, já não basta *ser* alguém ou *fazer algo*. Além disso, o tempo todo, é preciso *performar*: mostrar-se fazendo o que for e sendo alguém. E, é claro, é também necessário ser visto nessa exibição (Sibilia, 2015, p. 358).

Tal forma de presença pública é construída de forma consistente por Baby nas suas aparições midiáticas. Silva e Pichiguelli (2019), ao analisarem as narrativas jornalísticas sobre a atuação de Baby, observam o seu esforço de se apresentar como uma artista entre o pop e o gospel. As autoras apontam que, embora Baby procure, cada vez mais, assumir um papel “gospel-secular”, a cobertura midiática apresenta alguma reticência em tratá-la por esta chave, destacando a excentricidade na sua atuação. Em nossa análise, o viés da excentricidade não é predominante, embora apareça com mais destaque nas matérias dos dias 16 e 17 de fevereiro, após a referência de Baby à questão da “abdução”.

A despeito de haver certa mudança no tratamento da conversão de Baby, ao concentrar a elaboração do contexto de recebimento da sua fala à dimensão religiosa (como evangélica, pastora e convertida), as falas apocalípticas se tornaram tão frequentes quanto justificáveis, pois a uma pastora é esperado (e adequado) que se pregue. Quando a narrativa midiática opta por, majoritária e preferencialmente, focar a sua cobertura na construção biográfica de Baby pela perspectiva religiosa e

resgata sua trajetória a partir da conversão, muito além de situar a sua fala, acaba por, em alguma medida, justificá-la como uma interação *esperada* (podendo, de toda forma, normalizá-la). Isso reposiciona o quadro de sentidos referente a sua presença, fazendo dela uma figura de quem o discurso religioso é esperado e factível em face da sua experiência pessoal.

Curiosamente, sua história na música brasileira e sua trajetória no “Novos Baianos” ganham pouco espaço, não ultrapassando, em nenhuma das matérias analisadas, mais de um parágrafo. Seu casamento com Pepeu Gomes e seus filhos e filhas aparecem citados/as, com destaque à Sarah Sheeva, que também é pastora. A trajetória biográfica de Baby se torna, marcadamente, guiada pelos aspectos religiosos, a partir da pontuação da sua conversão nos anos 1990, o que ajuda a pensar as maneiras pelas quais o jornalismo atualiza uma biografia, hierarquizando cronologias e ressignificando marcos de uma história a partir de noticiabilidades específicas e da elaboração contextual de contingências.

A centralidade da atuação de Baby chega a tal ponto que o fator motivador da emergência de notícias de “suíte” (ou de continuidade midiática) deriva de ações empreendidas por ela e colabora para a manutenção da pauta midiática no circuito de visibilidades. A concentração das reportagens nas suas falas (recortadas da interação com Ivete, do seu perfil no *Instagram*, das entrevistas anteriores e da entrevista ao *UrbNews*) faz com que ela goze do privilégio de ser a fonte primordial de todas as notícias, de modo que sua posição pessoal ganha grande destaque e visibilidade. Essa característica se reforça porque, além de conferir a ela um poder de falar dentro do discurso midiático de forma mais vasta e ampliada, há a utilização de estratégias de reenvio do público leitor/a ao perfil da artista.

É singular (e sintomático), que o seu par interacional, Ivete Sangalo, só tenha espaço na transcrição do incidente no trio a partir do vídeo da cobertura ao vivo nas matérias iniciais do caso. A

própria interpretação de sua reação – qualificada como “surpresa” – fica à cargo do discurso jornalístico e da própria Baby, quando diz que compreende as ações de Ivete como a de uma pessoa que foi surpreendida pela sua fala, como aparece na matéria do *Extra*, intitulada “Baby do Brasil diz que foi ‘abduzida’ e fala de polêmica com Ivete Sangalo sobre Apocalipse: ‘Criancice’” (16/02/2024): “Baby admite que pegou Ivete de surpresa ao falar do assunto em pleno carnaval de Salvador, quando a cantora estava em cima do trio elétrico. ‘Imagina você homenagear uma pessoa que você tem maior amor e de repente a pessoa falar do arrebatamento, e falar do apocalipse? Senta na cadeira dela e vê o mundo como ela está vendo’, disse”.

Considerações finais

A análise do caso aponta como o relato midiático dá a ver uma narrativa coincidente, capaz de engendrar coerências associadas ao conflito entre Baby e Ivete. Para isso, não só se relata o caso ocorrido no trio elétrico no domingo de carnaval, como se procura estabelecer um passado que justifique (ou ao menos explique) as ações da artista. Tenta-se promover uma continuidade para o caso a partir de falas posteriores – mais ou menos explicativas – de Baby por meio de postagens em redes sociais digitais da artista e de demais perfis noticiosos; e busca-se elaborar um panorama das percepções do público sobre o caso, a partir das reverberações a ele associadas nas redes sociais digitais (que, de forma recorrente, vem sendo tomadas pelo relato jornalístico como representativas de certa percepção coletiva sobre ocorrências públicas).

As notícias sobre o episódio analisado, bem como o fluxo temporal das matérias e a emergência de Baby como fonte central – como voz autorizada pelo presente e por um certo passado – ressalta maneiras de se compreender a relação, via cobertura de um acontecimento, entre jornalismo,

temporalidades e celebridades. O acontecimento tensiona uma biografia e a coloca, estrategicamente, sob atualização. Tanto hierarquizando cronologias – desde uma valoração do/no presente de um certo passado – quanto tensionando gestos mnemônicos com questões relativas a um novo *ethos* da noticiabilidade online (Widholm, 2018).

Diante desses gestos narrativos de produção de organicidade e coerência para o caso, articulando elementos biográficos com questões do presente, notamos que há um esforço de construir um passado para Baby que se associe ao caso atual, explicando-o como parte de um encadeado de interações anteriores, sempre dentro de um marco temporal que remete aos anos 1990. Para isso, toma-se como referência sua conversão, a despeito de sua trajetória artística e cultural. Ou seja, dentre as múltiplas possibilidades de rememorar e gestar um passado para o acontecimento do presente – o embate com Ivete Sangalo –, é a questão religiosa que se faz emergência para organizar os tempos das narrativas jornalísticas.

Associado a isso, e para além do embate ocorrido no carnaval, a cobertura midiática se desenrola observando a reverberação lateral do caso, nas redes sociais digitais do público, de Baby e sua entrevista para outras mídias. Para dar forma à ocorrência – o conflito entre Baby e Ivete e o anúncio do suposto apocalipse – houve um esforço midiático simultâneo de contextualização e interpretação da ocorrência, por meio de uma certa “repetição involuntária” de conteúdos e perspectivas, algo característico do ecossistema jornalístico digital contemporâneo (Choi & Kim, 2016; Saltzis, 2012).

A intensa presença de Baby e suas falas no discurso midiático fazem com que seu discurso apocalíptico seja, em alguma medida, amplificado e, pela própria lógica da continuidade da cobertura midiática, tenha uma duração, uma sobrevida no espaço midiático, controlada pelas suas ações e suas

postagens, como um agendamento do sentido biográfico para o acontecimento. Ainda que haja certo tom de ironia diante do discurso apocalíptico ou mesmo uma crítica velada à sua inadequação no contexto do carnaval, em parte das matérias, há um relevante espaço concedido para a apresentação e detalhamento da perspectiva evangélica sobre noções como “arrebatamento”, “conversão” e o próprio “apocalipse”. Nesse sentido, a captura da reverberação do caso por Baby articula sentidos e a alcança uma visibilidade necessária (e intencionada) para a sua fala do sábado de carnaval, ecoando-a. Ao focar na experiência de conversão e sua atuação como pastora, o discurso midiático contribui para que sua fala seja interpretada como uma intervenção religiosa (vinculada a uma matriz de pensamento preexistente e exterior a ela, inserindo-a num panorama mais amplo). Isso normaliza a ocorrência desse dizer, em especial explicando que tal atitude seria um traço típico das suas apresentações mais recentes nos palcos, nas entrevistas e na vida pessoal.

A construção da biografia da Baby, que remete ao relato dela mesma e ao relato midiático anterior, demonstra um grau memorialístico da atuação da mídia. O uso das mídias como um recurso social de memória é bastante familiar (Palácios, 2003), mas é importante ressaltar como o processo de construção de um passado não deixa de ser narrativo e interpretativo, operando seleções e cortes temporais que incidem na conformação do quadro de sentidos atuais (que vão, como dito acima, migrar a imagem de Baby artista para líder religiosa).

Ao se furtar a diversificar as fontes jornalísticas, adotando um viés de reprodução de falas em mídias passadas e presentes, dentro de uma liquidez da ambiência digital (Widholm, 2018), o espaço crítico da interação que teve lugar no trio elétrico fica limitado à fala de pessoas comuns, que ganham entrada por meio de *prints* de tela que, em alguma medida, se repetem entre os veículos e tem pouca complexificação. Isso, mais que apontar para uma dinâmica de produção noticiosa e seus

tensionamentos a partir de um acontecimento, indica complexidades possíveis no encontro entre o jornalismo e a construção de narrativas biográficas. Observa-se então como temporalidades e noticiabilidades são manejadas quando a imagem de uma celebridade responde à elaboração de coerências e atualizações de sua trajetória, enquadrando, com isso, campos problemáticos contemporâneos dentro de um quadro de sentidos.

Referências

- Abreu, L. F. (2022). Caetano Veloso estaciona e atravessa: contracomunicações como crítica das escritas biográficas midiáticas. *Revista Esferas*, 2 (25), 355-372. <https://doi.org/10.31501/esf.v1i25.14091>
- Antunes, E. (2008). Acontecimento, temporalidade e a construção do sentido de atualidade no discurso jornalístico. *Revista Contemporânea*, 6(1), 1-21. <https://doi.org/10.9771/contemporanea.v0i0.3517>
- Arfuch, L. (2010). *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. EdUERJ.
- Braga, J. L. (2012). Circuitos versus campos sociais. In J. Janotti Jr., M. A. Mattos & N. Jacks (Orgs.), *Mediação & Midiatização* (pp. 31-52). EdUFBA; Compós.
- Buhl, F., Günther, E., & Quandt, T. (2016). Observing the Dynamics of the Online News Ecosystem. *Journalism Studies*. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2016.1168711>
- Charaudeau, P. (2009). *Discurso das mídias*. Contexto.
- Choi, S., & Kim, J. (2017). Online news flow: Temporal/spatial exploitation and credibility. *Journalism*, 18(9), 1184-1205. <https://doi.org/10.1177/1464884916648096>
- França, V., & Lopes, S. (2017). Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. *MATRIZES*, 11(3), 71-87. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v11i3p71-87>
- França, V. (2014). Celebidades: identificação, idealização ou consumo?. In França, V., Freire Filho, J., Lana, L., Simões, P. G. (Orgs.), *Celebridades do século XXI: transformações no estatuto da fama*. (pp. 15-36). Editora Sulina.
- Palácios, M. (2003). Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória. In E. Machado & M. Palacios (Orgs.), *Modelos do Jornalismo Digital*. Editora Calandra.
- Pichigueli, I., & Silva, M. C. (2021). A Poética Antropofágica Incompreendida: Representações Midiáticas do Gospel-Secular em Baby do Brasil. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 20, 146-157. <https://doi.org/10.55738/alaic.v20i36.699>
- Quéré, L. (1997). La situation toujours négligée? *Réseaux*, 15(85), 163-192. https://www.persee.fr/doc/reso_0751-7971_1997_num_15_85_3139
- Quéré, L. (2005). Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, Lisboa, 6(1), 59-75.
- Rondelli, E. & Herschmann, M. (2000) A mídia e a construção do biográfico. *Revista Tempo Social*, 12 (1), 279-309.

- Saltzis, K. (2012). Breaking News Online: How News Stories Are Updated and Maintained Around-the-Clock. *Journalism Practice*, 6(5-6), 702-710. <https://doi.org/10.1080/17512786.2012.667274>
- Sibilia, P. (2015). Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*, 17(3), 353-364. <https://doi.org/10.4013/fem.2015.173.09>
- Silva, M. C., & Pichiguelli, I. (2019). Narrativas antropofágicas: repercussões entre o gospel e o secular em Baby do Brasil. *Mediação*, 21, 193-212. <https://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/6972>
- Simões, P. G. (2012). *O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo* [Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório Institucional da UFMG. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-8YQNNQ9>
- Thompson, J. (1998). *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Vozes.
- Widholm, A. (2018). Tracing Online News in Motion: Time and duration in the study of liquid journalism. *Digital Journalism*, 4(1), 24-40. <https://doi.org/10.1080/21670811.2015.1096611>